

ESPARRAMA

Tempo

CRÉDITOS:

ESO/B. TAFRESHI (TWANIGHT.ORG)

Edição 1.2025

AURYANA ARCHANJO - NATASHA LEND - PATRICIA BARBOSA - RODRIGO ORTIZ VINHOLO - SILVA

SUMÁRIO

EQUIPE

P. 04

EDITORIAL

POR: LUIZA NASCIMENTO

P. 04

LIGAÇÃO ADIADA

CONTO POR: SILVA

P. 05



A MOÇA E O RELÓGIO

CONTO POR: PATRICIA BARBOSA

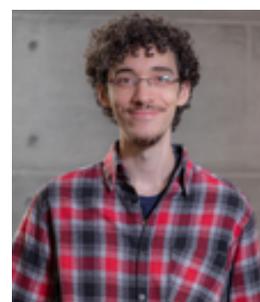
P. 09



TEMPORITE

CONTO POR: RODRIGO ORTIZ VINHOLO

P. 14



DIMENSIONAMENTO

DO TEMPO

CONTO POR: NATASHA LEND

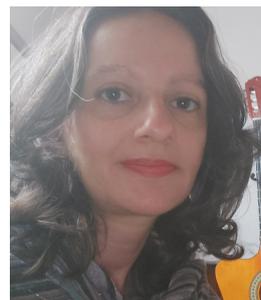
P. 18



HISTÓRIA ROUBADA

CONTO POR: AURYANA ARCHANJO

P. 21



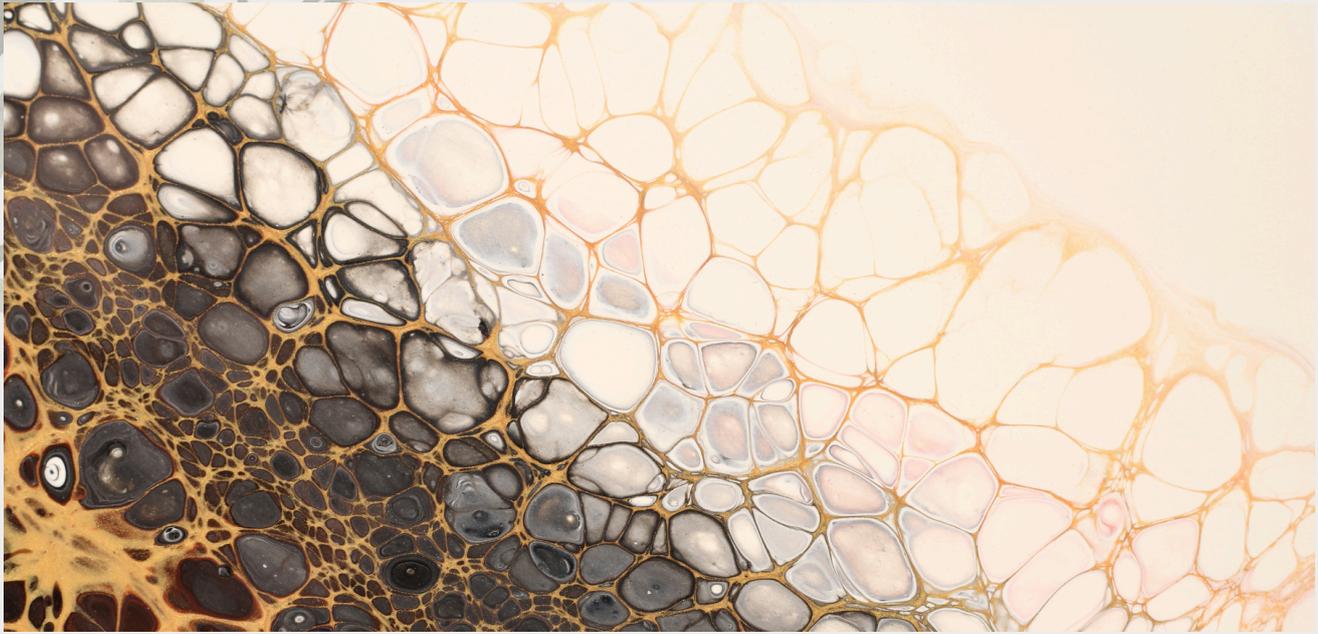
CRÉDITOS DA IMAGEM DA CAPA

Esta imagem obtida por Babak A. Tafreshi, um dos Embaixadores Fotográficos do ESO, no Observatório do Paranal do ESO, mostra três dos quatro Telescópios Auxiliares do Interferómetro do Very Large Telescope. No céu por cima deles, as longas tiras de luz são rastros de estrelas, cada uma delas marcando o movimento aparente de uma única estrela no céu noturno, devido à rotação da Terra. Esta técnica faz igualmente sobressair as cores naturais das estrelas, as quais nos informam sobre as suas temperaturas, que vão desde uns 1000 graus Celsius para as mais vermelhas até a algumas dezenas de milhares de graus Celsius para as mais quentes, que vemos a azul. Neste local remoto e alto, o céu é extremamente límpido e não apresenta nenhuma poluição luminosa, oferecendo-nos este magnífico espetáculo de luz.

Créditos:

ESO/B. Tafreshi (twanight.org)

Fonte: <https://www.eso.org/public/portugal/images/potw1350a/>



EQUIPE

EDIÇÃO:

LUIZA NASCIMENTO
SOLAINE CHIORO

REVISÃO:

LUIZA NASCIMENTO
SOLAINE CHIORO

PROJETO GRÁFICO:

ANA ALICE DIAS

DIVULGAÇÃO:

ANA ALICE DIAS

EDITORIAL

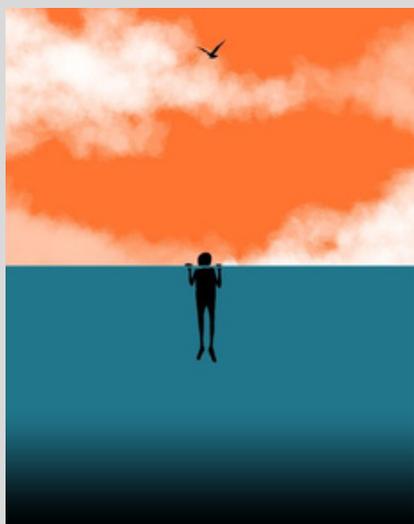
A beirada de um novo ano é sempre um momento oportuno para falar sobre o tempo. E, já que o tempo é aquela coisa estranha com a qual só conseguimos nos relacionar através de terceiros - um relógio, uma semente se desenvolvendo, o estômago reclamando de fome - nossa segunda edição traz contos que abordam formas de percebermos o tempo.

Quem nunca se sentiu consumido pelo dia a dia ou teve a sensação de não conseguir acompanhar o tempo do restante do mundo? Nas cinco histórias que se seguem, as percepções de tempo se misturam com a humanidade em cada personagem - que pode ser dramática ou cômica, crítica ou reflexiva.

Boa leitura!

Luiza Nascimento
Editora-chefe

LIGAÇÃO ADIADA



SILVA

Silva é especialista em ser comum, atuando como ilustrador, escritor e professor de História mas sem se destacar em nenhuma dessas áreas. Possui contos e micro-contos publicados em antologias diversas e jornais literários.

Parabéns, filho! Hoje é o seu dia.

Era a terceira vez que escutava o áudio. Deveria ligar para a avó. Ela entendia como ele andava ocupado. A faculdade, o noivado, o trabalho... Claro, ela não tinha como saber que tudo havia ido por água abaixo. Mas mesmo assim!

Havia largado a faculdade de Direito no terceiro semestre, antes que fosse expulso pelas mensalidades atrasadas. Sabia que não tinha vocação nem estômago para exigir que todos lhe chamassem de doutor, como os colegas exigiam. Sua noiva, Fernanda, lhe traiu com o *personal trainer*. Ele ainda pensou em perdôá-la, mas os dois pombinhos fugiram juntos para Porto de

Galinhas antes mesmo que pudesse dizer que aquele relacionamento era a única coisa que mantinha sua sanidade, pois ele a amava com todas as forças.

E iria se demitir do trabalho hoje. Sempre trocava os pedidos. Sempre a carne mal passada ao invés de ao ponto. O da mesa sete era sem cebola caramelizada. O refrigerante era Zero, a esposa estava de dieta. Ele revia os pedidos para descobrir se os clientes estavam lhe zoando ou se era apenas um filho da mãe desatento demais para ser garçom corretamente. Mas não conseguia entender sua própria letra, que mais parecia garranchos.

Desejo muita paz, saúde e alegria pra sua vida. Se tiver um tempinho, venha me visitar mais tarde. Comprei uma lembrancinha para você.

— Sinceramente, você é um bom rapaz. Uma pena que você queira desistir ao invés de melhorar.

Ele ouviu calado. Só queria o pagamento pelos quinze dias trabalhados e iria embora. O dono da hamburgueria lhe pagou o mês inteiro. E ainda acrescentou gentilmente que ele poderia voltar quando colocasse os pensamentos no lugar.

Agradeceu e saiu cabisbaixo. Pegou o ônibus para o outro lado da cidade.

Por um momento, ruas que desconhecia, lojas novas, casas que nunca havia visto. E então o caminho foi se tornando cada vez mais familiar. As lojas antigas, as casas mais modestas, os barzinhos de esquina... A livraria que seu pai lhe levava para comprar gibis todas as quartas-feiras estava fechada.

— Apenas um, viu? — o pai dizia.

Ele chorava para levar dois ou três, dependendo de quantos tivesse chamado sua atenção.

— Pega o outro, Roberto. Depois cê paga.

E o pai levava, pressionado pelo filho chorão e pela vendedora sorridente.

A vó te ama muito, muito, viu? Feliz aniversário!

A casa permanecia igual. A tinta começava a descascar um pouco aqui e ali. O jardim também estava ficando descuidado. Mas tirando isso, permanecia igual.

Ele bateu na porta. Ouviu passos dentro da casa. Um rosto surpreso lhe encarou pela janela. Ela se apressou para abrir a porta, atirando-se em seus braços. Se afastou, segurando seus ombros, observando-o dos pés à cabeça. Ambos com olhos marejados e sorrisos sinceros. Ambos vendo o que o tempo havia feito com o outro.

— Você está tão magro! — disse ela, apalpando suas costelas.

De fato, não andava se alimentando direito nos últimos dias, que talvez fossem semanas ou meses. Quando lembrava de comer, comia qualquer besteira. Pão com maionese, miojo e Fanta, cereal com água...

— Vem, eu fiz um bolinho de fubá e passei um café. Entra, entra.

Duas xícaras de café e cinco fatias de bolo depois, ela perguntou:

— Saiu do trabalho mais cedo?

Deveria contar? Abrir o coração? Melhor não.

— Pedi para um colega me substituir. Hoje é meu aniversário, afinal de contas!

Riu sem graça. Nunca havia gostado da data, e ultimamente, menos ainda. A avó fez uma cara de espanto.

— Meu Deus! Meu neto faz aniversário hoje também.

Encarou a avó, como se uma cortina desabasse naquele momento e ele pudesse enxergar algo que antes não estava lá. Uma idosa frágil e solitária sentindo o peso de seus 82 anos, e não aquela mulher parruda e resistente como aço que havia cuidado dele após os pais morrerem.

— Eu tinha me esquecido completamente! Deixa eu mandar um áudio pra ele, rapidinho.

Ela colocou os óculos, pegou o celular e procurou atenta o contato do neto. Observou a foto de perfil, ainda Fernanda e ele na praia, sorrindo juntos num belo pôr do sol.

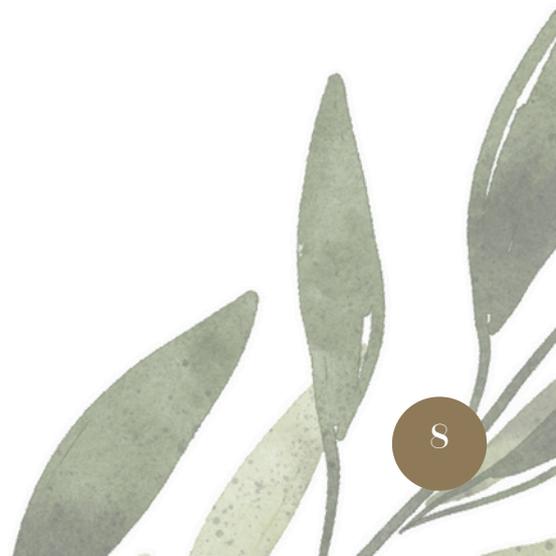
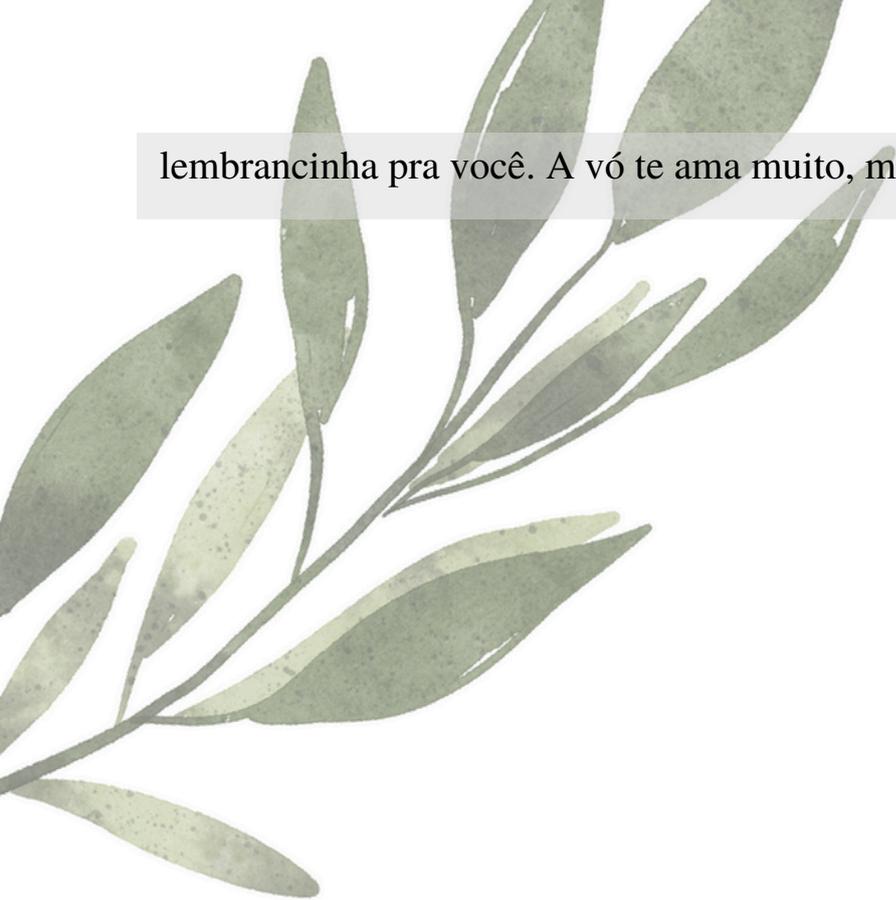
— Ele é a sua cara quando era mais novo, Roberto. E tem os olhos da mãe.

Sentiu a garganta apertada. O bolo de fubá repentinamente queria voltar. Um gosto ácido na boca. Os olhos lacrimejaram.

A avó começou a gravar.

— Parabéns, filho! Hoje é o seu dia. Desejo muita saúde, paz e alegria pra sua vida. Se tiver um tempinho, venha me visitar mais tarde. Comprei uma

lembrancinha pra você. A vó te ama muito, muito, viu? Feliz aniversário!

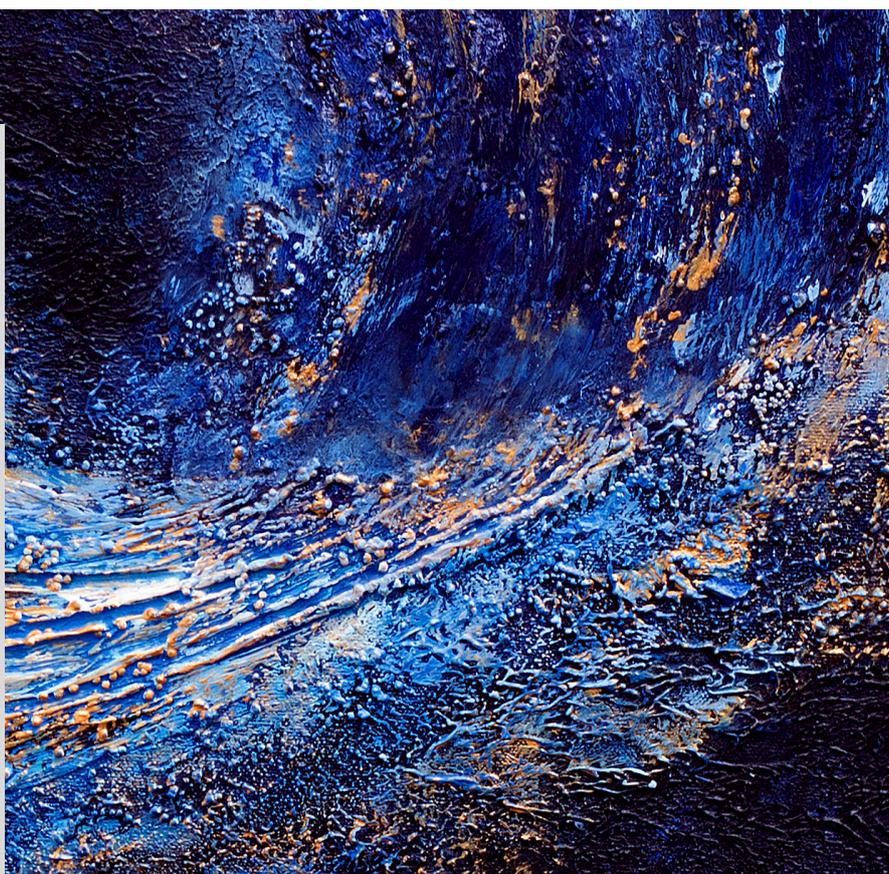


A MOÇA E O RELÓGIO



Patricia Barbosa

Patricia é Pedagoga, com Pós-graduação em Orientação Educacional e Pedagógica, e estudante de Publicidade e Propaganda. Atua como copywriter e redatora em blogs. Sua paixão pela escrita se revela em contos e crônicas que misturam humor e reflexão. Em seu Substack, Pato em Pauta, aborda o cotidiano de forma leve e envolvente. Uma entusiasta da literatura infantil, produz minicontos e histórias que encantam os pequenos leitores.



Seis da manhã. Soa, em alto e bom som, “La isla bonita”, de Madonna. É o despertador do celular de Isabel, anunciando o amanhecer de mais um dia.

Isabel se levanta, caminha com certa preguiça até o banheiro. Joga um jato de água fria no rosto para dar aquela despertada, escova os dentes com algo de pressa, tinha cronometrado, quase que ensaiado, o passo a passo da sua rotina matinal em mente. Tempo era uma coisa que, definitivamente, ela não tinha.

Em seguida, se olha no espelho e se pergunta: *em que momento surgiu esse pé de galinha?* Passa um pouco do creme anti-idade, que a sua amiga de setor, Carol, que nas horas vagas

também é consultora de revistas de cosméticos, jurou ser o mais revolucionário dos cremes antissinais, capaz de transformar até a pele mais enrugada que casca de maracujá em uma cútis lisa e suave, tal qual bumbum de bebê. No auge de seus 37 anos, essa é sua última tacada antes do botox.

Uma ducha morna, mais para fria, um gole rápido de café extra forte e pronto. Ao trabalho.

Mas antes de passar pela porta de casa, como de costume, Isabel dá aquela rápida olhada no relógio da sala para se certificar de que está em tempo de alcançar o ônibus das 7h30, para poder chegar pontualmente às 8h30 no trabalho. Se perdesse esse, o próximo, só em 40 minutos.

Porém, nesta manhã, o olhar para o relógio da sala, o mesmo marca 6h15.

Como assim?, pensa. Se só o tempo que leva entre os ‘mais 5 minutinhos’ na cama, os passos lentos e as espreguiçadas até o banheiro dá mais que isso?

Certamente a pilha acabou, conclui. Pega o celular para se atualizar da hora e, para sua surpresa, são 6h15. Ela pisca, aperta os olhos, pega os óculos de leitura — talvez precise aumentar o grau — 6h15. De novo.

Isabel senta no sofá, tentando processar o que está acontecendo. Olha novamente para o celular, como se a insistência pudesse mudar a hora ali mostrada, mas não adianta: 6h15. É como se o tempo tivesse resolvido tirar uma folguinha nesta manhã.

Na tentativa de encontrar um sopro de justificativa que explique o tal mistério, Isabel dá uma volta pela casa, passa pela cozinha, onde a cafeteira ainda goteja o que resta do café, e vai até a janela.

Lá fora, o sol já começa a aparecer, mas tudo está estranhamente tranquilo. Talvez o mundo inteiro esteja em um estado de semi-pausa, e só ela não havia sido avisada.

Ainda atordoada, volta ao quarto e senta na beira da cama. *Será que eu ainda estou dormindo?*, pergunta a si mesma. *Talvez seja um sonho ultrarrealista e logo eu acorde de verdade.*

Ela tenta ligar para Carol, a amiga consultora, mas para sua infelicidade, o celular da bonita está fora de área. Decide, então, que o melhor a fazer é simplesmente seguir o fluxo. Se o relógio está parado, vamos tirar proveito.

Volta para o banheiro decidida a dar um up na make, coisa que devido à falta de tempo, só fazia em dias de festa.

E começa: abusa do delineador, que já quase craquela pela falta de uso, esfumaça um pouco de sombra dourada, que só é lembrada nos dias de carnaval, e até ousa caprichar no batom vermelho sangue, só usado em ocasiões especiais. Quando termina, olha para o espelho e sorri. Gosta do que vê.

Com supostamente mais alguns minutos de sobra, Isabel resolve passar outro cafezinho, mas agora aproveita para preparar também um misto quente. Senta no sofá, abre uma revista, que comprou há meses e que ainda está no plástico, e começa a folhear. Neste momento se dá conta de que nunca tinha tempo para essas coisas simples. Sempre às pressas para chegar em algum lugar, pouco aproveitava o presente.

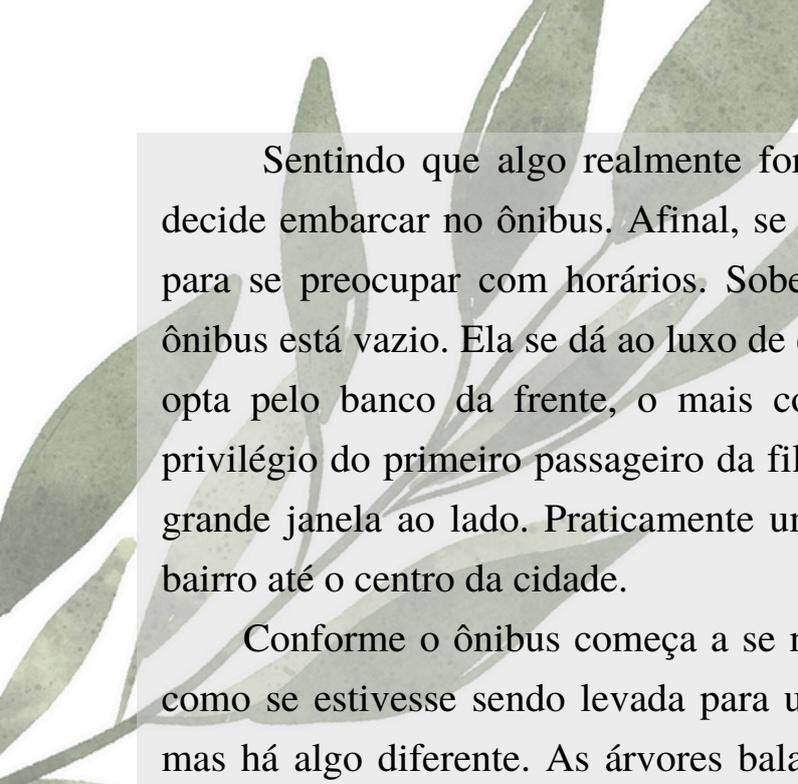
Passados alguns minutos — ou quem sabe horas —, Isabel resolve sair de casa. *E se o tempo tiver parado apenas dentro de casa? E se o mundo lá fora estiver no ritmo real? Eu agora estou, de fato, atrasada para o trabalho!* Só de pensar no olhar de reprovação do seu supervisor no escritório contábil, já dá taquicardia.

Mas... e se o tempo lá fora estiver mesmo parado? É preciso tirar a prova real. Ela abre a porta e avista o seu vizinho, Sr. Roberto. Sentado na varanda, como de costume, lendo seu jornal matinal.

Bem, tudo parece normal. Resolve cumprimentar o vizinho com um aceno de leve, que para sua surpresa, corresponde de forma extremamente vagarosa. Quase como em câmera lenta.

Saindo pelo portão, observa a rua silenciosa. Para uma manhã de dia útil, não é comum tamanha tranquilidade nos arredores.

Ao chegar no ponto de ônibus, Isabel se depara com algo ainda mais curioso. O ônibus das 7h30 está lá, parado, sem esboçar nenhuma pressa de sair. O motorista? De pé, do lado de fora, encostado no ônibus, fumando um cigarro com a mesma lentidão com que o Sr. Roberto a cumprimentou minutos antes.



Sentindo que algo realmente fora do comum está acontecendo, Isabel decide embarcar no ônibus. Afinal, se o tempo está em pausa, não há motivo para se preocupar com horários. Sobe os degraus e, surpreendentemente, o ônibus está vazio. Ela se dá ao luxo de escolher o melhor lugar para se sentar e opta pelo banco da frente, o mais cobiçado, e que nos dias “normais”, é privilégio do primeiro passageiro da fila, que nunca é ela. O assento tem uma grande janela ao lado. Praticamente uma visão panorâmica do trajeto do seu bairro até o centro da cidade.

Conforme o ônibus começa a se mover, Isabel sente uma leve vertigem, como se estivesse sendo levada para um metaverso. As ruas são as mesmas, mas há algo diferente. As árvores balançam devagar, como se dançassem ao ritmo de “La isla bonita”, sua canção preferida. As pessoas nas calçadas caminham com a calma de quem não tem pressa para chegar a lugar nenhum.

O ônibus segue rota, e Isabel começa a perceber que o dia está se tornando uma jornada introspectiva. O tempo, ou a falta dele, a faz refletir sobre sua vida, suas escolhas e a maneira como sempre corre contra o relógio. Na verdade, percebe que raramente para ou vive momentos junto à família ou até mesmo junto às amigas. Está sempre focada no próximo compromisso, na próxima tarefa, sem nunca se permitir apreciar o presente.

Passado alguns minutos — ou o que parece ser alguns minutos — o ônibus para no centro da cidade. Isabel desce e se vê em uma praça, que costuma estar lotada de gente apressada indo e vindo, mas que agora, estranhamente, está calma. As pessoas que estão ali parecem imersas nos próprios pensamentos, andando devagar, sem pressa, saboreando cada segundo.

Isabel caminha pela praça, observando as árvores, as fontes e as poucas pessoas que cruzam seu caminho. O som da água que jorra pela fonte a envolve em um ambiente tranquilo, quase hipnotizante. O canto dos pássaros vem de diferentes direções, preenchendo o espaço com uma melodia natural, enquanto as folhas das árvores, balançadas por uma brisa suave, produzem um leve farfalhar que parece sussurrar segredos antigos. O ar ali é puro, fresco, com um sutil perfume de terra molhada misturado ao doce aroma das flores que desabrocham nos canteiros ao redor. Isabel sente tudo com intensidade — o toque da brisa em seu rosto, a luminosidade suave do sol filtrada pelas copas

das árvores, o silêncio quase completo, acompanhado por passos lentos e murmúrios distantes de algumas poucas pessoas.

Ela para por um momento, olhando para um banco vazio à sombra de um grande ipê. Um raio de luz atravessa as folhas, criando manchas douradas no chão, e Isabel respira fundo.

Sente-se estranhamente em paz, como que libertada das amarras do tempo.

Senta-se no banco e fica olhando para uma estátua antiga, de um homem de expressão serena. Enquanto está ali, imersa em pensamentos, sente uma vibração no bolso. É o celular. Pega, abre o aplicativo de mensagens e, para sua surpresa, é Carol, perguntando que raios havia acontecido para ela estar quase duas horas atrasada para o expediente e avisando que em bem pouco tempo o supervisor se daria conta.

Isabel levanta a cabeça, sente uma leve vertigem, e quando olha ao seu redor, vê que a praça está em seu ritmo normal. Pessoas caminhando apressadas, passos ecoando em compassos firmes, carros buzinando sem trégua. O tempo, que aparentemente havia parado, retoma sua marcha.

Ela olha novamente para o relógio em seu pulso. O ponteiro dos segundos avança com precisão, confirmando que o tempo segue normalmente.

Isabel levanta-se do banco, ainda sem entender o que de fato aconteceu. Caminha em direção ao escritório, mas dessa vez sente algo diferente.

Sabe que o dia vai ser como qualquer outro, até mais atribulado devido ao atraso, mas algo dentro dela mudou. Estranhamente, caminha mais tranquila. Como se agora estivesse ao lado do tempo, não contra ele.

Isabel caminha pela praça, observando as árvores, as fontes e as poucas

E assim, ao sentar em sua cadeira, antes de dar início a mais um dia de trabalho, Isabel começa a esboçar uma espécie de diário, bem ao estilo lista de fim de ano, onde se lê:

- *Passar mais tempo com meus pais;*
- *Voltar a pintar;*
- *Tomar café com as amigas, sem pressa;*
- *Usar mais batom vermelho.*

E com um sorriso sereno nos lábios, começa a trabalhar.

TEMPORITE



Rodrigo Ortiz Vinholo

Publicitário, jornalista, professor e escritor, Rodrigo Ortiz Vinholo mora em São Paulo/SP. É autor de diversas obras, incluindo “Astrolinha Vermelha” (2023, Lendari), “Viagens oníricas” (2024, Fuinha), “Compêndio poético da fauna sentimental humana” (2024, Gatária) e “Pequeno guia de sobrevivência online para o século XXI” (2024, independente). Vencedor de alguns prêmios, finalista de outros, já participou de mais de 300 coletâneas de contos, poesias e quadrinhos.

— Carlinhos, pelo amor de Deus! Eu estava morrendo de preocupação!

O policial militar, segurando o jovem pelo casaco, estava claramente constrangido, dividido entre se mostrar duro com o aparente contraventor, mas também ser cordial com a senhora. As mães nem sempre tinham culpa dos erros dos filhos, e esses momentos de decepção familiar podiam ser bem complicados.

Carlinhos, segurado pelo PM, estava confuso e quase caindo. Sua fala era arrastada, seus movimentos lentos, seus reflexos atrasados, seu olhar desfocado e suas roupas sujas. Ele parecia ainda não ter notado a presença da mãe, e nem ter certeza exatamente do que estava acontecendo.

— Eu o encontrei no meio da rua, atrapalhando o trânsito, dona Lourdes — explicou o guarda, franzindo a testa para o rapaz. — Tentei levá-lo pra delegacia por se intoxicar a ponto de causar tanta confusão, mas alguns transeuntes me disseram que é seu filho, aí achei melhor vir falar com a senhora primeiro.

Lourdes apertou os olhos, julgando o homem da lei.

— Policial, ele não está bêbado. — Depois tomou o filho pelos ombros, examinando o rosto sujo de lama. — Ah, Carlinhos, como foi acontecer de novo?

— Como não está, senhora? Veja, não fizemos o bafômetro, e admito que ele não cheira a álcool, mas eu lido com bebum toda a semana, eu reconheço esse tipo de coisa... Está me dizendo que ele consumiu algo pior?

Carlinhos não disse nada. Ele parecia se esforçar para entender a situação, gemendo baixo. A mãe bufou, depois estalou a língua e puxou o filho para junto de si, soltando-o da mão do policial.

— Eu te asseguro que Carlinhos não bebeu, nem usou nenhuma droga, seu guarda — disse ela, claramente ofendida, mas também com a tristeza de quem já havia passado por situações semelhantes antes. — Ele tem um problema de saúde.

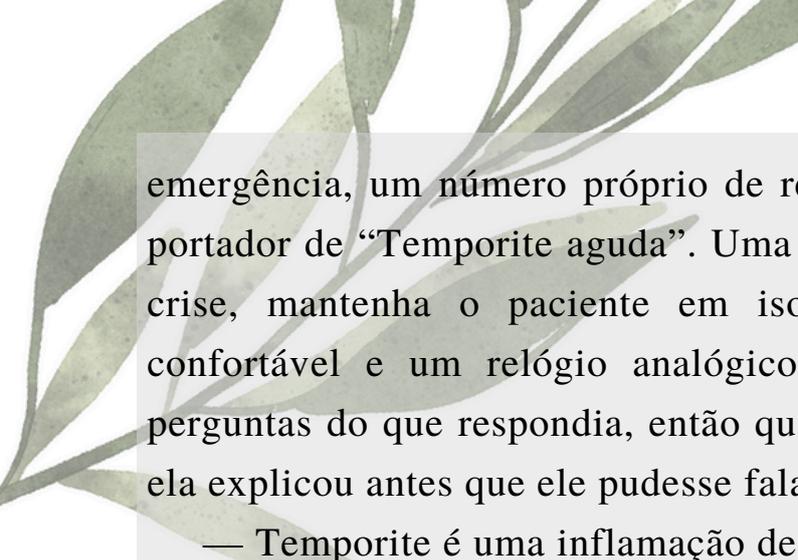
— Um... — O policial pausou, incerto se ela estava mentindo para amenizar o erro do filho, ou se aquilo era a verdade. — ...problema de saúde, senhora?

— Ele está tendo uma crise de temporite.

— Quê?

Lourdes suspirou e tateou os bolsos do filho procurando por algo. Carlinhos não pareceu notar, movendo os braços lentamente, indicando algo em seu pulso e enrolando a língua para falar. A mãe puxou a carteira, abriu e, junto da identidade, tirou um cartão plastificado, entregando ambos ao guarda.

Ele comparou a foto de Carlinhos com a figura à sua frente, depois olhou a carteirinha que levava a mesma imagem. Nunca tinha visto uma daquelas, mas parecia oficial, com dados da identidade, contatos de



emergência, um número próprio de registro e a indicação do jovem como portador de “Temporite aguda”. Uma tarja vermelha indicava: “em caso de crise, mantenha o paciente em isolamento em um cômodo com luz confortável e um relógio analógico funcional.” Aquilo levantava mais perguntas do que respondia, então quando o PM voltou a encarar Lourdes, ela explicou antes que ele pudesse falar:

— Temporite é uma inflamação de tempo, seu guarda. Da passagem e da sincronização. São raros os casos graves como o do meu filho, mas todo mundo de vez em quando experimenta algum dos sintomas. No geral, é fácil de resolver.

O policial devolveu os documentos, tentando entender o que ela dizia.

— Então ele está assim porque...

— Está em velocidade lenta e com atraso de alguns segundos. Geralmente, quando isso acontece, ele fica confuso, porque não consegue controlar direito seus movimentos, e se atrapalha com as outras coisas e pessoas no tempo normal. É pior ainda se ele estiver em algum lugar com trânsito, os carros são rápidos demais pra ele nessas condições.

— Ree... lóoooo... — gemeu Carlinhos, e os dois pararam para ver que ele apontava com o indicador da mão direita no pulso esquerdo, onde havia um relógio.

Lourdes suspirou outra vez, balançando a cabeça com ar de quem já sabia o que estava acontecendo, e puxou com cuidado a manga da camisa do filho para examinar o acessório.

— É o que eu imaginava. O relógio dele parou. Ele deve ter sentido a crise vindo, mas não conseguiu se sincronizar a tempo, porque não tinha um marcador por perto. Sempre falo, maldita hora que foram inventar de padronizar esses relógios digitais, além de deixar todo mundo preguiçoso, só atrapalham quem tem temporite...

— Então... — o guarda não sabia bem o que fazer, encarando a dupla com o constrangimento de, então, talvez ter sido desnecessariamente duro.

Lourdes encarou o filho nos olhos, segurando-o, e falou arrastado como ele.

— Ree... lóoo... giôooo... paaaa... rouuu?

Carlinhos piscou algumas vezes, devagar, e segundos depois balançou a cabeça descoordenadamente.

— É... Paaa... roouuu...

Lourdes se voltou para o guarda com um gesto de resignação.

— É isso mesmo. Pode deixar que assumo por aqui. Imagino que Carlinhos não fez nada de errado, além de ficar meio perdido, né? Ninguém se machucou, certo?

— Não, senhora — disse o guarda, sem esconder o alívio de se livrar da situação.

— Ótimo, vou levar ele pra dentro e logo mais ele fica bem.

— Senhora, se me permite...

— Sim?

— O que, exatamente, você vai fazer pra ele ficar melhor?

Lourdes deu um sorriso melancólico, resignado, e respondeu:

— É como diz na carteirinha. Eu levo ele para o quarto e coloco um relógio de ponteiro na frente dele, e aí o tempo vai se ajustando outra vez. Não tem nada mais efetivo e aflitivo pra entendermos como exatamente o tempo passa do que ficarmos olhando um relógio esperando que a vida melhore. A vantagem é que, pra temporite, isso realmente faz alguma diferença.

O policial militar hesitou, pensando na tristeza implícita naquela frase, e então se deu conta de que era melhor ir embora.

— Entendi. A senhora precisa de alguma ajuda?

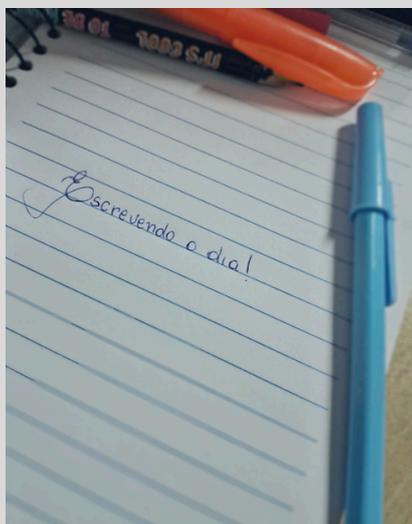
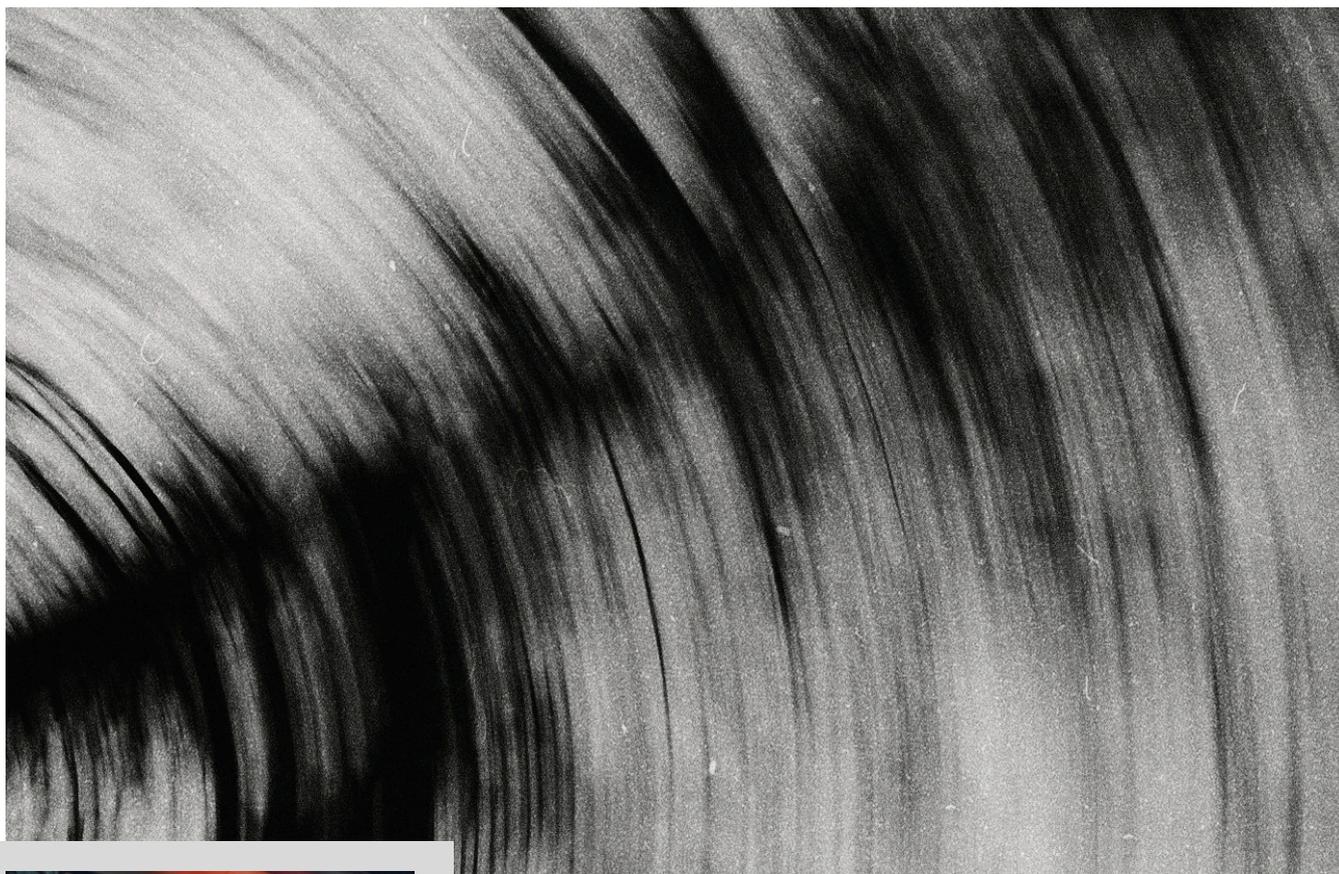
— Daqui da entrada até o quarto é tranquilo, jovem. Obrigada pela compreensão.

— Disponha.

Ela conduziu Carlinhos para dentro, acenou para o guarda e fechou a porta.

O policial continuou em pé ali por algum tempo, pensando na própria vida, em todas as vezes que talvez tivesse tido alguma crise pontual de temporite, com o tempo passando rápido demais, ou lento demais. Olhou, então, para o relógio do celular, e partiu.

DIMENSIONAMENTO DO TEMPO

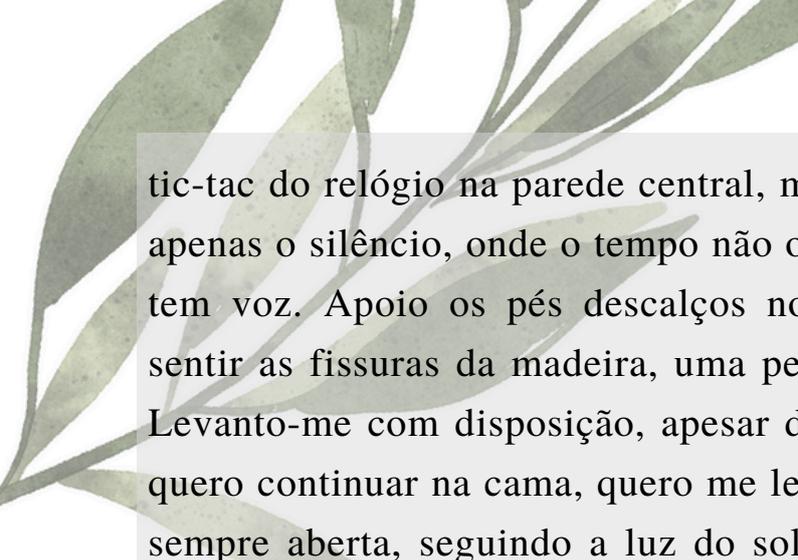


Natasha Lend

Uma estudante de letras que se atreve a escrever ficção, do alto da minha casa no RJ, enquanto ainda tenho meus bons anos.

Abro os olhos soltando junto um suspiro lento e pesado. Ultimamente tem sido exaustivo respirar. Ao expirar, observo meu entorno e sinto que tudo permanece inalterado, embora eu não tenha lembranças. A janela continua fechada, e a leve cortina branca, estagnada à minha direita. Na parede à minha frente, uma fotografia embaçada. A antiga cômoda de madeira exhibe um vaso com flores rosadas, que me faz planejar um sorriso no canto esquerdo dos lábios, enquanto o silêncio incorpora o ambiente.

Antigamente, ao despertar, o primeiro som que ouvia costumava ser o despertador, seguido pelo tic-tac do relógio ao meu lado, e ainda o



tic-tac do relógio na parede central, marcando o ritmo do dia. Agora, reina apenas o silêncio, onde o tempo não ousa interferir, não tem domínio e não tem voz. Apoio os pés descalços no chão. Meus dedos se movem para sentir as fissuras da madeira, uma percepção de que ainda estou presente. Levanto-me com disposição, apesar do cansaço que o tempo me deu. Não quero continuar na cama, quero me levantar logo! Cruzo a porta do quarto, sempre aberta, seguindo a luz do sol que espia o corredor. Na sala, só o silêncio, o fogo da lareira já se apagou. Do outro lado, o sol conversa com a cozinha através das enormes janelas.

A mesa vazia me cobra uma intervenção, então me arrisco a cozinhar. Asso pães e bolos, conversando comigo mesma e cantarolando. A saudade dos bolinhos de chuva surge, porém a receita foge da minha memória. Algo perturba minha composição culinária, e as imagens daquelas mãos enrugadas se projetam diante de mim como num grande telão, habilmente abrindo um espaço na farinha para depositar os ovos, onde a gema e a clara não têm chance de sobreviver separadas. Enquanto finaliza a mistura, sua doce e frágil voz reúne as palavras: “Filha, fique e coma comigo...”. Mas eu estava sem tempo, então, me afastei. Não me lembro para onde fui. Uma pontada de angústia invade meu peito porque falta uma lembrança. Forço a memória a me obedecer, mas sou interrompida pela trovoadas repentina que grita, me assustando. De repente vejo ao norte a densa neblina querendo se aproximar da casa e isso me enfraquece. Fujo, decido ir até a horta, há muito para se fazer.

Escolho as melhores hortaliças ouvindo o canto dos pássaros. Paro no pomar e colho tomates e maçãs. Caio sozinha e dou risada de mim mesma! Sinto o aroma da tranquilidade e, sem entender o motivo, meus olhos se enchem de lágrimas. Parece que estou vivendo dentro de um poema de campos verdejantes e rosas perfumadas. Ou de uma terrível ilusão.

Antes de voltar para o aconchegante chalé, jogo mais algumas sementes de girassol no jardim. Entre as flores que se voltam em direção ao sol, avisto um rostinho pequeno e rosado me chamando para brincar. Meu coração palpita forte, anseio por beijá-la e abraçá-la, mas me vejo pegando

a bolsa, o celular, e batendo a porta ao sair. *Agora não tenho tempo para isso, no final de semana eu a levo ao shopping.* Aqueles olhinhos redondos me fitam tristonhos, porém logo desaparecem por causa da neblina que vem do norte. O céu de repente se fecha, anunciando uma terrível tempestade, me apavorando. Largo a cesta com as hortaliças e frutas no chão e corro para dentro do chalé, vendo os raios cortarem o céu, outrora alegre, e agora, cinza trevas.

Bato a porta atrás de mim tentando prender a tempestade do lado de fora, mas fracasso. A chuva começa a entrar, gotas geladas e grossas por toda casa. Meu corpo pesa como se fosse uma esponja absorvendo toda água, exausta, me rendo e me lanço na madeira dessa sala vazia... quanto tempo já passou?... Não consigo contar o tempo aqui dentro, mas, sei que está chegando ao fim. Me viro e encontro o rosto marcante dele, percebo o quão desapontado está por eu ter cancelado novamente nosso momento a sós. Estendo a mão, mas antes que eu consiga pedir desculpas, ele se vai, engolido pela densa neblina que se aproxima lentamente como um fantasma para me assustar. Um eco de vozes entrelaçadas a um somido agudo invade os meus ouvidos, me enchendo de uma cruciante dor de cabeça. Ainda que presa no desespero, junto todas as minhas forças, mas não consigo pensar, não consigo entender...

—... a paciente...

A neblina me paralisa

—... acidente de carro...

Luto com todas as forças que restam em mim.

—... durante a tempestade...

Quero gritar mas não consigo!

—... encontrada horas depois... ela está...

Não quero ouvir!

— Rápido! O monitor...

O tempo... acabou.

— ...chances de sobreviver.

A neblina me cobre por inteiro.

HISTÓRIA ROUBADA



Auryana Archanjo

Incentivada por uma professora de português, escreve poema e prosa desde a infância, mas somente em 2020 passou a publicar seus textos e a aperfeiçoar a escrita através de cursos e oficinas. Publicou em três coletâneas e, em 2024, foi selecionada no Prêmio Poesia é Vida; no Festival Internacional de Poesia de Betim e é finalista no 33º Concurso de Contos Paulo Leminski.



Lá estava eu, à frente da árvore genealógica. Pronta. Completa. Presente de um primo que após a conquista da dupla cidadania se abdicou de saber daqueles mortos estampados em um enorme papel retangular quase a perder de vista. Da árvore se colhem os frutos e se dispensam as sementes.

Meus olhos a observavam em uma conexão direta com as imagens que eu construí de todas as histórias que me foram contadas. Nomes. Sobrenomes. Algumas interrogações. Quem veio de onde e nasceu de quem até chegar aqui? Abro minhas mãos à frente do rosto. Observo sua cor marrom escura, as unhas médias rosadas, os dedos curtos e roliços. Tento ler a linha da vida

e o que tem a me contar do passado e do futuro. O presente, eu deduzo com facilidade. Procuro no espelho traços de ancestralidade e pouco identifico nos meus. A linhagem era, sem dúvida, branca, afirmava uma das quatorze tias ainda presente em nosso meio. Memória viva de tudo, ou quase tudo, o que se passou desde que meus bisavós pegaram um navio na Itália rumo ao oeste. Terra desconhecida, em que somente ouviram falar por bocas nunca antes vistas.

Eu continuava escaneando a mim mesma. Cabelos encaracolados, quase esgrouvinhados, pretos. Estatura média para baixa. Olhos carvão. Silhueta avantajada, quadris esbeltos, cheios de vivacidade. Em análise atenta, eu dançava o pescoço de um lado para outro na dúvida de quem se estranha.

Meu nome, Caterina. Caterina Santoro Bianchi. Todos os indícios de uma família italiana legítima, orgulhosa de exaltar as origens e os brasões. Minha avó adorava me gritar com aquele sotaque típico, que me fazia até acreditar, por um instante, que eu não estava no Brasil.

Passei dias, meses a percorrer a árvore com os olhos. Lentamente, geração por geração, em busca de uma resposta que não sabia se estava naqueles cruzamentos consanguíneos. Lia e relia nomes em voz alta. Sentia a sonoridade de olhos fechados. Buscava, em minha memória, falas, pausas, gestos, silêncios que pudessem me conduzir aos labirintos de minhas raízes. Buscava não ditos que me inquietavam.

Foi entre mulheres, já prestes a se aposentarem da vida, que, no meu inconformismo, fui buscando preencher lacunas internas. Nada. Entre cafés da tarde e longas prosas, nadava no mesmo Atlântico dos navios europeus que me deixavam à deriva.

Indícios não são resquícios. E esses me colocavam à prova de legitimidade. Comparativamente, eu era diferente. Era hiato em busca de resposta.

Foi quando, então, recebi um telefonema desprezioso. No auge do meu transbordamento existencial, uma tia acendeu a fagulha que faltava para a erupção vulcânica. Seu nobre propósito: retificar uma informação. Era necessário corrigir a tonalidade da cor de pele de uma bisavó, Maria José de Jesus, até então, escondida dos recônditos da árvore ancestral. Entre o espectro mais claro e o retinto, ela estava no dos mais alvos, afirmava minha tia com a

preocupação de um nome a zelar. Silenciei. Não briguei ou gritei. Não agradei. Paralisei entre a indignação e a esperança. Queria saber mais.

Corri no longo papel que havia enrolado e deixado no quarto. Ali, escondido no cantinho esquerdo, obscuro, quase apagado, estava seu nome. Da saga epopeica dos imigrantes, havia outra história não contada. Eu estava enganada. Aquela árvore não estava pronta, completa. Dela, quebraram troncos propositalmente. Em que e no que acreditar agora? Queria uma foto. Não havia. Eu era o retrato vivo do tronco arrancado. Era a retificação do buraco preenchido pela branquitude que não me fazia parte. E que, também, me pertencia. Eu era a foto em branco e preto nunca tirada. Por isso esse estranhamento de mim mesma. Essa sensação de estar deslocada de minha história.

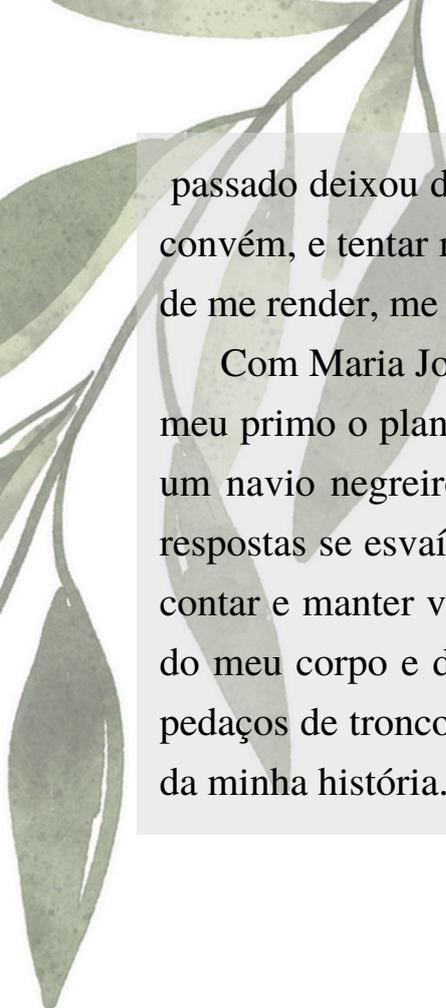
Depois afirmaram que Maria José de Jesus não era parte da família. Meu avô, seu filho, havia se casado com uma legítima Santoro Bianchi, cujo sobrenome minha avó foi impedida de mudar. Renegado em sua linhagem, a história de meu avô foi omitida e, junto com a dele, a minha. Divagações sem importância, dizia minha tia. Para mim, importavam. Eram esses vazios ancestrais que se perderam no tempo, que deixavam vãos no meu próprio ser.

Aos poucos, as informações sondadas foram sendo encontradas, sem muita precisão. Não sabiam dizer se minha bisavó era negra, indígena ou uma mistura dos dois. Minhas características físicas pareciam ser o indício mais concreto de sua existência. “Você se assemelha ao porte miúdo, magro e esbelto dela”, alguém dizia. Soube que minhas unhas rosadas também eram como as dela e meu gosto por fazer doces devia ter vindo do ofício de Maria José, doceira de mão cheia que mexia enormes tachos de maneira ritmada, como se estivesse em um ritual, ao embalo de canções que ninguém conhecia a origem.

Entre uma lacuna e outra, a suspeita mais segura era de que ela teria vindo direto da África, mas ninguém sabia ao certo. Somente suposições de uma história perdida no carreiro.

Percorri o tempo de uma vida para me descobrir em meus ancestrais. E o tempo me pregou uma peça ao me entregar somente hipóteses, dúvidas e mais perguntas do que respostas.

O tempo é infiel no que conta. Nunca é possível saber a verdade que o



passado deixou de lado por desinteresse ou censura. O tempo só diz o que lhe convém, e tentar reconstruir algo que já se foi pode ser frustrante. Eu, ao invés de me render, me tornei resistência.

Com Maria José, eu mudei minha rota. Fiz daquela semente dispensada por meu primo o plantio de uma nova árvore. Não sei se minha bisavó chegou por um navio negreiro ou se aqui já estava nas profundezas de uma floresta. As respostas se esvaíram no tempo, mas daqui para frente, eu serei o tempo e irei contar e manter vivo os fragmentos da história que tentaram arrancar de mim, do meu corpo e da minha alma. O meu futuro sempre levará o legado desses pedaços de troncos cortados, que um dia alguém teve a intenção de exterminar da minha história.

APOIO



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO